

# EDITORIAL

## FRANCISCANISMO E FENOMENOLOGIA

*Daniel Rodrigues Ramos<sup>1</sup>*

Franciscanismo e Fenomenologia são dois discursos da existência, historicamente distintos, mas profundamente arraigados na terra. Diferentemente da acepção usual, em que prevalece o sentido físico-material e espaço delimitado por coordenadas geográficas, terra é a escuridão superluminosa do mistério. Como fala do mistério, ela é o que está à base dos mundos que os homens, em cada época, constroem como sua casa por meio de seus feitos e obras. Terra sustém o mundo; é aquilo que dá chão à existência humana, que nunca é nos ares. Deste modo, é a evocação de uma convocação incontornável para que a existência mundana se faça obra e se consume como a tarefa de sentido, provindo do subterrâneo, que cada vez ela é. E, na mesma convocação, apela-se que o mundo se abra. Ora, passam-se as figuras do mundo, porém, permanece a terra como fonte inexaurível e insondável de sentido. Por isto, ela é o imemorial que atravessa a história passageira dos homens com seu mundo, traspassa toda memória do passado e ultrapassa o presente em toda espera do porvir e chegada do inesperado. Sendo porvindoura em sua convocação, em sua vocação de ser solo retraído, a terra é o que permanece como fundo, mas sempre como advento de uma dádiva que pede aos homens espaço e tempo de sua acolhida e proteção, oferta que só eles pode fazer com o sacrifício da existência deles ao abri-la como mundo. Como o que permanece e doa sentido, mas precisa ser fundada em cada época mediante a

---

<sup>1</sup> Daniel Rodrigues Ramos é Doutor em Filosofia pela Pontifícia Antonianum de Roma e professor de Filosofia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. *E-mail*: dr.ramos@outlook.com.br

elevação do mundo, é ela o acontecimento manifestativo primordial, sem a qual o mundo seria escuridão sem o brilho próprio das coisas e o espírito, cegueira, apesar de todas as iluminações, explicações e significações que as teorias e ciências humanas ainda poderiam lançar sobre as coisas, sobre a existência. Assim, Franciscanismo e Fenomenologia são duas aventuras humanas ao pisar este chão imemorial, em busca de colher sua luz e seiva, na tentativa de dar corpo às decisões essenciais que, em cada tempo, os homens precisam levar a cabo e trazer à tona a totalidade intrincada de significados sobre si, o outro, o arredor e as coisas presentes na singela figura de mundo histórico.

A terra é, então, o “lugar”, melhor, o não lugar dos lugares, o centro que está em toda parte e em lugar nenhum das circunferências do mundo, em que se sulcam todas e múltiplas vias, as passagens, as aporias, os estreitos, as veredas humanomundanas que partem do inominável e inefável e para ele inevitavelmente retornam. O homem e a história do mundo são somente condutos para esta passagem do mistério para o mistério, o espaço-tempo que se conforma pelo e para a resguarda o mistério ao deixa-lo ser a revelação protetora de uma ocultação. Nesta conformidade, a linguagem passa a ser a via privilegiada para travessar a terra e discursar o inominável, o inefável. Seja como for, franciscana ou fenomenologicamente, a convocação da terra é discursar o mistério como graça, gratuidade, dádiva, doação, datidade, propiciação que se recua, benevolmente, para que o agraciado seja o que é. Favorecendo os homens, o mistério se retrai em seu doar para que eles se conquistem a e pela possibilidade de receber e, assim, tornem-se o que eles já são propriamente: correspondência para a superfluência da fonte misteriosa e dadivosa da qual tudo depende para ser. Pela generosidade da terra, a existência humana é reposta à entrega libérrima e benevolente à tarefa de dizer e saber o

mistério enquanto coragem de ser. Assim, assenta-se como uma luva para os intentos do pensar fenomenológico e da mística e poesia franciscana o pacto da amizade humana com o misterioso, celebrado na existência humana, cuja medida ainda pode ser tirada dos seguintes versos da tragédia *Aias* (verso 522) de Sófocles: *κἀρις κἀριῦ γάρ ἐστὶν ἢ τικτοῦσ' αἰεὶ*. Na tradução de Heidegger: “a benevolência é o que sempre faz apelo à benevolência”. Para esta coragem de ser como prontidão da acolhida vale a lei, ensinada tanto pelo Franciscanismo como a Fenomenologia, que um favorecimento sempre engendra outro favorecimento, quando a aventura do humano é consumir historicamente sua essência no pertencimento à terra.

O Franciscanismo interpretou esta coragem graciosa como a sendo a *imitatio Christi*, cantou-a como o enamoramento pela Senhora Pobreza, pois não quer ter outro acesso ao mistério senão no amor à figura humana, misericordiosa e concretamente visível do Deus feito carne e habitante do mundo, sobretudo, na paixão do Crucificado pelos homens como ato total de uma doação sem porquê e para quê, ao menos aos olhos humanos. O Franciscanismo, então, é a aventura de pisar a terra seguindo a doutrina (a iluminação gloriosa na forma da sabedoria oculta da Cruz) e as pegadas de Jesus Cristo. É fazer percurso e fazer-se como percurso da experiência de conformar-se na via e vida que é o próprio Mestre. Por sua vez, a aventura da Fenomenologia em pisar a terra é pelas veredas do pensamento e, com não menos intensidade, também não deixa de se compreender como via. Interpretando-se como a inalienável possibilidade do pensar de todas as épocas e, assim, de ir às raízes de tudo que é – no percurso de alguns de seus notáveis pensadores, melhor seria: ir ao solo em que se ficam as raízes de tudo que é – atravessa os mundos históricos e reassume de modo renovado o filosofar como servo e operário da elevação do mundo. Neste sentido, está aquém e além

da escola e dos círculos que nascem no século passado, atravessa toda a história da filosofia. Sua coragem, portanto, é ser promessa de um pensar que não se dobra às desfigurações do mistério, aos ídolos, às pseudo-luminosidades ou falsas questões da história do conhecimento. Uma vez que renuncia dar por terminada sua pesquisa das coisas mesmas, anunciando sempre de novo sua tarefa de ir à terra e às raízes, sua bravura é ser pura abertura de caminho ainda não trilhado, para dizer e recolher o sentido das doações epocais do mistério. Por isto é movimento, é estilo de ser e postura de existir que se deixa praticar, guardando seu rumo, antecipando-se como porvir, mas saboreando aqui e agora a pobreza da incompletude de sua condição como pensamento rigoroso. É práxis de uma abertura da consciência e da existência que não quer ser senão a disposição límpida de ser acolhida do sentido de todos dos fenômenos, deixando ativa e passivamente que sejam eles mesmos na passagem do (auto)manifestar que se esconde. Seu amor, no entanto, é para com a evidência e o seu desvelo é em dizer nada além da coisa (*Sache*), tal qual se mostra e como se patenteia, contente com a pobreza humana em poder senão acena-la. Salvaguardadas as inúmeras diferenças, não poucas, Franciscanismo e Fenomenologia é um confronto corpo a corpo, vigoroso, não menos gracioso e gentil, com o mistério da terra que sustenta o mundo-casa dos homens. São forças varonis do espírito que deram e certamente ainda possam dar novamente à terra mundos porvindouros.

Seguindo os envios e as vicissitudes do pensamento e da história da terra, não só da história do mundo em suas figuras sucessivas, é possível entrever um movimento, em idas e vindas, entre o pensamento fenomenológico à mística e poesia franciscana. Deste modo, o Franciscanismo guarda em si a Fenomenologia e esta atitude filosófica pode ser retrocedida à experiência franciscana em um só movimento de volteio do

pensamento, no gingado de bamboleio de uma tentativa de uma hermenêutica histórico-crítica do princípio que traciona e separa cada uma destas aventuras da outra. Porém, não se trata de teologizar a via fenomenológica de pensamento, nem de secularizar a experiência da vida religiosa e mística franciscana; nem mesmo se trata de reconstruir historiograficamente temas e problemas que se desdobram, mediante rupturas, de uma via a outra. Na verdade, não é a partir do reestabelecimento de liames de continuidade sobre as rupturas que é dado ao pensar de hoje o princípio da experiência histórica dos homens ao bambolear o pensar entre o Franciscanismo e a Fenomenologia. Pois ambos não se voltam um para outro simplesmente. Se o fazem, é voltando um contra o outro, confrontando-se, opondo-se e repelindo-se para poderem conquistarem sua posição fundamental e cada qual se enraizarem na terra com suas raízes singulares. Na disputa entre um e outro, nas divergências das irreduzíveis diferenças é que vêm à tona a mesma proveniência, que salta diante dos olhos uma estranha convergência que jamais se deixa apreender como igualação. Falham também as comparações historiográficas diante desta convergência. Colhê-la é possível somente como dom da terra, na medida em que experimenta as fraturas que dela se abrem e tornam visível o seu fundo abismal, a recusa da sua luz e seiva. Então, o volteio do pensamento é um jogo de vai e vem entre as diferenças. Mas nisto, os volteios são apenas preparação para saltar no fundo abissalmente misterioso; salto que deve ser ousado, se o pensar quiser ser a favor da terra e realizar sua identidade. Ora, a identidade do pensamento não é mundana, mas pertence ao submundo, é terrenal – e se pertence ao profundo da terra, não seria melhor dizer que é subterrâneo, marginal? De qualquer modo, quando o pensamento se insere no bambolear entre duas aventuras de ser e pensar, no caso, o Franciscanismo e a Fenomenologia, é para se enroscar e se engraçar com o mistério

e, depois, nele e desde ele, desenroscar-se, surgindo do fundo da terra, entregando-se à saga de dizer e criar mundo.

Neste movimento de um pensar meditativo, vacilante e bamboleante, encontra-se as diversas contribuições apresentadas neste volume. A poética meditação fenomenológica de Marcos Aurélio Fernandes, trilhando as vias do dito e não dito em *Sein und Zeit*, de Heidegger, leva-nos a ver que a questão do ser é possível de ser concretizada enquanto ressonância que entona e dispõe a existência. Esta ressonância tem a modulação de uma pobreza essencial, uma alegria com o fundamental enquanto aquilo que liberta a existência humana para a sua verdade, dir-se-ia no modo desajeitado e improvisado deste editorial, para sua pertença à terra. E mostra-nos que esta pobreza essencial é a mesma que entoou a existência do *Poverello* de Assis, porém, noutra modulação da vida e do todo, diversa da pobreza do pensar.

Por sua vez, Sérgio Wrublevski, partindo do mesma questão, recorda-nos em escrita leve que as intuições e atitudes do santo inauguram um modo de existência que não se enrijece na visão unilateral das interpretações factuais e empíricas das situações, desafios e coisas com que lidamos no cotidiano, nem na parcialidade dos espiritualismos, intelectualismos e doutrinas usuais, mas que recolhe tudo isto na disposição de captar, de modo límpido e transparente, toda a dinâmica de ser no seu vigor imediato e originário da condição humana. Deste modo, a mística e a poesia de Francisco são aproximadas com a mirada em que se exercita a atitude fenomenológica. Não contente, o autor ainda nos aproxima de místicas e poesias do tempo moderno, as quais se mostram como tentativas históricas posteriores de guardar, salvaguardar e clarear, em outra modulação de ser e pensar, o questionamento originário do fundador do movimento franciscano, justamente quando as intuições fundamentais do santo de Assis pareciam ultrapassadas e apareciam desfiguradas.

Por outra via, a histórico-crítica, mas sem abandonar o mesmo movimento de pensamento dos escritos anteriores, trilha a investigação de Leonardo Mees. Sob a guia do conceito de intencionalidade, mas sem perder o vínculo com o cântico ou a poesia em que Francisco de Assis louva o Criador por todas as criaturas e sem tirar os olhos da experiência religiosa que nele se condensa, discute a contribuição dos pensadores medievais franciscanos para o desenvolvimento da Fenomenologia. Porém, no olhar fenomenológico que conduz o passo para trás, para as fontes da compreensão originária do fenômeno religioso, evidencia intuições da fenomenologia de Husserl, Heidegger e Rombach como contributos para a interpretação da experiência religiosa (franciscana), apontando entre estes pensadores um caminho de radicalização para estratos cada vez mais profundos da terra.

Por fim, vale um destaque para Hermógenes Harada, mestre e irmão em pensamento dos autores supracitados. Seu escrito, uma apostila e compilação de textos com o fito de uma introdução ao pensamento de Guilherme de Occam, embora seja o fruto do exercício de um “amador em assuntos medievais”, como usual e humildemente gostava de se apresentar, acaba dizendo muito no pouco e módico, no mínimo que pretendia sugerir acerca de Occam. Pois o escrito é o esforço de dizer o não dito e essencial, o fundo terreno, deste pensamento do fim do medievo e de sua implicância com o nominalismo. O núcleo de seu escrito é uma livre tradução de um capítulo do primeiro volume de *Substanz, System, Struktur*, obra fundamental da fenomenologia da estrutura de Rombach, algo inédito em língua portuguesa.

Na seção de tradução, figura o texto *Ordinatio* IV d. 36 q. 1-2, de Duns Scotus sobre a escravidão, acompanhado de uma introdução do professor e pesquisador Roberto Hofmeister Pich. Em seguida, apresenta-se o texto traduzido por este perito e conhecedor da tradição medieval, internacionalmente renomado.

O convite ao leitor é percorrer o volume com a mesma atitude de pensamento em que foram escritas as contribuições, permitindo entregar-se ao gingado e bamboleio dos textos. Este modo de alegre e jovial de pensar, talvez, seja uma das poucas possibilidades que ainda nos é permitida para pisar e fincar graciosamente nossos pés na terra.

Amargosa (BA), 10 de novembro de 2020.

Boa leitura a todos.